



N.º 145 — LISBOA, 22 DE OUTUBRO

3
ANO
1902

A

PARODIA

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros 500 réis.
" 52 " 10000 "
Cobrança pelo correio custa..... 100 "
Estrangeiro, accresce o porte do correio.

Preço avulso 20 réis

Um mez depois de publicado 40 réis

Publica-se ás quartas-feiras

PROPRIETARIOS

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

E

M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º

ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES

Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º

Composição: Minerva Peninsular

111, Rua do Norte, 113

Impressão: Lythographia Artistica,

Rua do Almada, 32 e 34

EDITOR — CANDIDO ENAVES

VIAÇÃO ACCELERADA



— Os senhores passageiros da linha de Cintra tenham a bondade de tomar as suas macas, que o comboyo vaee partir!...

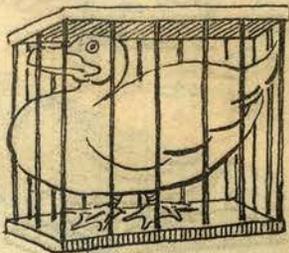
Nós e o "foie-gras,"



publico que ainda nos concede a honra de nos lêr e que ás quartas-feiras, no electrico, ao recolher a casa para o jantar, tira do bolso este jornal e o percorre com desfazio, dignando-se aqui e ali sorrir, não sabe por que preço nos sahe a nós outros, ao artista com o seu lapis e ao escriptor com a sua penna, esse sorriso imperceptivel e ephemero que é afinal todo o nosso premio e toda a nossa remuneração.

E' um pouco o caso do *foie-gras*.

Certamente, o leitor não ignora que o *foie-gras*, tão saboreado pelo seu gosto exquisito, se reduz a uma pasta obtida pela trituração do figado do pato. Simplesmente, o que o leitor ignora talvez é que esse delicado *hors-d'œuvre* de nacionalidade franceza só se realisa á custa da mortificação, da dôr e do morticinio do animal assim sacrificado pelo homem aos caprichos da Gula. Com effeito, o *foie-gras* obtém-se engaiolando o pato e engordando-o até elle não caber na sua gaiola, da qual todavia não sahe. Comprimido nas talas da sua prisão, o animal immediatamente enferma de uma hypertrophia do figado, e é graças á lesão, conseguida mercê d'esta verdadeira tortura, que o figado do pato se mostra apto a fazer a delicia do nosso paladar.



Quer dizer, o *foie gras* é um drama.

Pois bem, o jornal de caricaturas é outro.

Assim como para obter o figado saboroso, é necessario leval-o até á hypertrophia, assim para obter o maximo de engenho que a melancolia do publico reclama para se pronunciar por um rapido, apagado, esmaecido sorriso é necessario levar o espirito até á congestão.

Referindo-se ao riso que excitam os desenhos de Monnier, recorda o nosso grande predecessor Ramalho Ortigão, que Balzac escrevia: «Fazer rir quem paga mil e quinhentos milhões de imposto! Se o sr. de Argout entendesse da arte, elle mandaria dar uma pensão a Henri Monnier.»

Tal justamente o nosso objectivo, ai de nós, nem sempre attingido!—o de fazer rir individuos que, por uma accumulção de circunstancias funestas, se extinguiram inconsolavelmente para o Riso.

Pense-se então nos esforços, nos arrancos, nos estratagemas, nas manhas a que infatigavelmente teremos de entregar as nossas pobres, acabrunhadas, extenuadas intelligencias para illuminar, embora passageiramente, de um sorriso, a enregelada mascara concidadã.

O contemporaneo perdeu, com a alegria, que vem da alma, a propria sensibilidade motora do riso, que está no corpo.

Fazemos-lhe cocegas nos sovacos —e nada!



Passamos-lhe muito ao de leve por detraz da orelha, a rama de uma pena d'ave—e nada!

Tiramos-lhe as botas, despojamos-lhe das meias, arpejamos-lhe as plantas dos pés —e nada!

Tateamos-lhe levemente os joelhos, onde a sensibilidade do riso tantas vezes costuma alhojar-se—e nada!

Despimol-o, executamos a duas, a quatro mãos, sobre o seu corpo nú, todas as dextrezas do engenho —e nada!

Extenuados, suando em bica, os braços derreados, introduzimos-lhe então a extremidade de uma rosquinha de papel nas fossas nasales. Elle parece estremecer, soergue-se, formula com o gesto o desejo de que nos afastemos para poder rir á vontade e com gosto. E' emfim o premio do nosso esforço que vae vir. Mas não! E' apenas um espirito que fahou.



Voltamol-o então de costas e marinhámos-lhe suavemente pela espinha dorsal, demorámos o contacto mimoso das cabeças dos nossos dedos na covinha do ladrão, surprehendemos-lhe fortemente as ilhargas.

Emfim elle sorri. Pallidamente, não importa! Sorri. E' o que basta. Envergamos o casaco, limpamos o suor, engulimos um bock e passamos a outra sessão.

Desistimos da cocega. A cocega é insufficiente e passamos a outro genero de influções.

Devidamente reintegrado no seu paletot e nos seus calções, convidamos o contemporaneo a sentar-se e formulamos alguns ditos de espirito, ou concebidos n'esta qualidade. O contemporaneo não nos dá a honra de reconhecer os nossos ditos, como de bom quilate, e nós então provocamos uma controversia de aspecto austero, no meio da qual intercalamos uma cambalhota.

O mesmo insuccesso. O semblante do contemporaneo parece exprimit o mais insubstituivel fastio.

E' forçoso ser obstinado. Nós somos obstinados. Persistimos, pois, e, n'esta ordem de idéas, pomos-nos a cantar de gallo, a zurrar de burro e a apregoar azeite doce; mas o contemporaneo, que não abandona a sua reserva, é surdo a estes apellos.

Chamamol-o então á janella, mostramos-lhe quem passa, condescendemos mesmo em collar um rabo-leva em uma ou outra das muitas sobrecasacas que felizmente nos regem. Em vão!

Furtamos-lhe o lenço, ficamos-lhe com a caixa de phosphoros, besuntamos-lhe a ponta do nariz com tinta de impressão, borrifamol-o com agua do pote, e quando emfim, vencido por tanto e tão laborioso esforço, elle se resigna a sorrir,— tombamos para o lado, incapazes nós proprios de qualquer genero de jovialidade, porque n'esse esforço em prol da sua alegria que não vem, é a nos-



sa que irremediavelmente se perde.

Entretanto, cá dentro, na propria entranha, operá-se a lesão do pato.

E' o figado que começa a inchar.

E' o foie-gras que se começa a produzir.

Tal a succinta mas expressiva genese d'esse pallido, fugitivo sorriso que, com os vinte réis do nosso numero, reputamos a suprema recompensa do esforço hebdomadario a que nos entregamos para distrahir a alma, acabrunhada de decimas, dos nossos contemporaneos, no territorio da patria.

E', como se vê, outro drama. Como o figado de pato, ao cabo de alguns annos de laboração, não estamos, nem na historia da arte, nem na historia da litteratura official, nem sequer nos registos do obituario, mas simplesmente e gordurentamente — em terrinas.

JOÃO-RIMANSO.

SCIENCIA PARA TODOS

A hora decimal

Como todos os que o sabem sabem, uma das mais palpitantes questões da sciencia é a que se refere á hora decimal e a novissima divisão da circunferencia.

Não estando nós bem seguros das noções que a este respeito possuímos, fomos procurar o illustre academico Snr. Antonio Cabreira, antes de fornecer qualquer informação aos leitores da *Parodia*.

Fomos precisamente encontrar o illustre academico real das sciencias muito preocupado com o estudo da nova questão.

Sobre a sua mesa de trabalho, d'esse seu porfiado trabalho que é uma das glorias de Portugal, estava oca,locada uma bacia. E enquanto o dedo indicador da mão esquerda do sabio carregava na testa, como se carregasse num botão de campainha, o dedo indicador da mão direita percorria meditadamente a borda da bacia.



—Não estranhe a presença d'este objecto deante do meu nariz. . . disse-nos o illustre sabio, logo que nós entrámos. A sciencia não conhece preconceitos. Sirvo-me d'este objecto por commodidade. Ao mesmo tempo que realiso os meus estudos sobre a nova divisão da circunferencia, aproveitando as bordas, vou depositando as minhas idéas no fundo da bacia.

—E' extremamente pratico. . . observámos nós.

—Pratico e theorico! acrescentou o sabio.

A proposito, o Snr. Antonio Cabreira explicou-nos a maneira por que procede ás suas locubrções.

Antes de encetar a resolução do problema que em cada manhã, ao acordar, mais o preocupa, o sabio procura tornar leve, quanto possivel, a sua imaginação. Nesse intuito utiliza, ora a Agua de Carabaña, ora a seringa, ora o sal de fructas.

Em seguida, dá algumas voltas na casa dos nove, e depois senta-se, e espera.

—Não faço nunca o menor esforço! diz-nos. Ha sabios que se expremem. Olhe, o Pina Vidal, por exemplo. Eu não. Eu espero. Se a coisa vem naturalmente, está muito bem. Se não vem, levanto-me, visto-me, saio, e não penso mais nisso até ao dia seguinte.

—Já experimentou a receita do Marcellino Mesquita? ousámos nós perguntar-lhe.

—Não conheço. . . disse-nos vivamente o illustre sabio. E, mais vivamente, indagou:

—Qual é?

—Uma duzia de ameixas, e um copo de agua bem fria por cima.

—Ora, ora! exclamou, incredulo. Com o que o meu amigo vem á cidade! Já experimentei, e não foi lá com uma, nem com duas duzias de ameixas. Foi com uma ameixoeira, e nada!



Depois, entrámos propriamente no assumpto da nossa entrevista.

—Com certeza o meu amigo não ignora, disse-nos o illustre sabio, o que seja a hora decimal. . .

—Creio que não. . . respondemos modestamente.

—O que entende então o meu amigo por hora decimal? insistiu o sabio.

—Vamos a responder, com a definição scientifica. Mas logo o sabio nos cortou as vazas.

—Nada d'isso, nada d'isso. Ahi é que está o erro! Ahi mesmo é que é. . . E' a eterna theoria, é a inabordable theoria!

Não percebiamos.

—... A inabordable theoria?!

—Sim, sim! A minha theoria é outra. A minha theoria é esta! — e dizendo isto, tintava com a ponta do indicador na borda da bacia. A verdadeira theoria é a que chega á borda!

—Todavia, d'antes. . .

—Isso era d'antes! retrucou-nos prontamente o sabio. Agora, toda a via posterior se quer desobstruida. E' o recto. E' o que deve ser.

—Entretanto. . . insistimos nós, dividido o dia solar em vinte e quatro horas, a hora em cem minutos, o minuto em cem segundos. . .

—Pois sim, pois sim! interrompia-nos o sabio. Mas lá estamos nós a cair no mesmo erro. Isso é o dia solar para toda a gente. O que eu quero, porém, é encontrar o dia solar. . . das barrigas!

Não procurávamos já occultar a nossa confusão, e confessámo-lo.

—Com franqueza, dissémos, Vossa Excellencia deixa-nos confusos. . .

—Com fusos horarios, quer o meu amigo dizer. E' boa! E o meu amigo a dar-lhe! Ora eu já disse, e repito, que a minha idéa é outra, inteiramente outra. Não estejamos com fusos.

—Mas se a hora civil se contar de 0 até 24, partindo do momento em que é meia noite média no eixo do fuso considerado. . .

—Ainda nesse ponto, meu caro amigo, eu me reservo um direito: as minhas opiniões continuam a ser livres — até á meia noite!

Quando, pesando bem a nossa bagagem scientifica, reconhecemos que nada mais podiamos objectar ao illustre sabio, levantámo-nos, pegámos no chapéu e preparámo-nos para sair. Mas não quizémos deixar aquelle santuario da nova sciencia sem alguma noção que possémos oferecer aos leitores constantes da *Parodia*. E manifestámos ao Snr. Antonio Cabreira esse nosso bem justo desejo.

—Em conclusão, e ao menos, diga-nos Vossa Excellencia, muito por alto, qual o problema que neste momento se agita dentro de si?

—O que eu procuro, o que eu busco, o que eu quero encontrar, é a verdadeira hora decimal! A hora precisa, a hora exacta, a hora certa, a hora das nossas necessidades, a hora que não falha!

—E essa hora. . .? perguntámos num ancio, como a Virginia na *Dôr Suprema*.

—Essa hora, a hora certa, a hora que não falha, a hora decimal, em summa, é a hora em que temos de pagar a decima!



OPERA CONSTITUCIONAL

(Côro das Cruzes do Fausto)



o maestro — Fortissimo!

E' forçoso ser obstinado. Nós somos obstinados. Persistimos, pois, e, n'esta ordem de idéas, pomos-nos a cantar de gallo, a zurrar de burro e a apregoar azeite doce; mas o contemporaneo, que não abandona a sua reserva, é surdo a estes apellos.

Chamamol-o então á janella, mostramos-lhe quem passa, condescendemos mesmo em collar um rabo-leva em uma ou outra das muitas sobrecasacas que felizmente nos regem. Em vão!

Furtamos-lhe o lenço, ficamos-lhe com a caixa de phosphoros, besuntamos-lhe a ponta do nariz com tinta de impressão, borrifamol-o com agua do pote, e quando enfim, vencido por tanto e tão laborioso esforço, elle se resigna a sorrir,— tombamos para o lado, incapazes nós proprios de qualquer genero de jovialidade, porque n'esse esforço em prol da sua alegria que não vem, é a nos-



sa que irremediavelmente se perde.

Entretanto, cá dentro, na propria entranha, opera-se a lesão do pato.

E' o figado que começa a inchar.

E' o foie-gras que se começa a produzir.

Tal a succinta mas expressiva genese d'esse pallido, fugitivo sorriso que, com os vinte réis do nosso numero, reputamos a suprema recompensa do esforço hebdomadario a que nos entregamos para distrahir a alma, acabrunhada de decimas, dos nossos contemporaneos, no territorio da patria.

E', como se vê, outro drama. Como o figado de pato, ao cabo de alguns annos de laboração, não estamos, nem na historia da arte, nem na historia da litteratura official, nem sequer nos registos do obituario, mas simplesmente e gordurentamente — em terrinas.

JOÃO-RIMANSO.

SCIENCIA PARA TODOS

A hora decimal

Como todos os que o sabem sabem, uma das mais palpitantes questões da sciencia é a que se refere á *hora decimal* e a *novissima divisão da circumferencia*.

Não estando nós bem seguros das noções que a este respeito possuímos, fomos procurar o illustre academico Sr. Antonio Cabreira, antes de fornecer qualquer informação aos leitores da *Parodia*.

Fomos precisamente encontrar o illustre academico real das sciencias muito preocupado com o estudo da nova questão.

Sobre a sua mesa de trabalho, d'esse seu porfiado trabalho que é uma das glorias de Portugal, estava collocada uma bacia. E emquanto o dedo indicador da mão esquerda do sabio carregava na testa, como se carregasse num botão de campainha, o dedo indicador da mão direita percorria meditadamente a borda da bacia.



— Não estranhe a presença d'este objecto deante do meu nariz... disse-nos o illustre sabio, logo que nós entramos. A sciencia não conhece preconceitos. Sirvo-me d'este objecto por commodidade. Ao mesmo tempo que realiso os meus estudos sobre a nova divisão da circumferencia, aproveitando as bordas, vou depositando as minhas idéas no fundo da bacia.

— E' extremamente pratico... observamos nós.

— Practico e theorico! acrescentou o sabio.

A proposito, o Sr. Antonio Cabreira explicou-nos a maneira por que procede ás suas locubrões.

Antes de encetar a resolução do problema que em cada manhã, ao acordar, mais o preocupa, o sabio procura tornar leve, quanto possivel, a sua imaginação. Nesse intuito utiliza, ora a Agua de Carabaña, ora a seringa, ora o sal de fructas.

Em seguida, dá algumas voltas na casa dos nove, e depois senta-se, e espera.

— Não faço nunca o menor esforço! diz-nos. Ha sabios que se expremem. Olhe, o Pina Vidal, por exemplo. Eu não. Eu espero. Se a coisa vem naturalmente, está muito bem. Se não vem, levanto-me, visto-me, saio, e não penso mais nisso até ao dia seguinte.

— Já experimentou á receita do Marcellino Mesquita? ousámos nós perguntar-lhe.

— Não conheço... disse-nos vivamente o illustre sabio. E, mais vivamente, indagou: — Qual é?

— Uma duzia de ameixas, e um copo de agua bem fria por cima.

— Ora, ora! exclamou, incredulo. Com o que o meu amigo vem á cidade! Já experimentei, e não foi lá com uma, nem com duas duzias de ameixas. Foi com uma ameixoeira, e nada!



Depois, entramos propriamente no assumpto da nossa entrevista.

— Com certeza o meu amigo não ignora, disse-nos o illustre sabio, o que seja a hora decimal...

— Creio que não... respondemos modestamente.

— O que entende então o meu amigo por hora decimal? insistiu o sabio.

Iamos a responder, com a definição scientifica. Mas logo o sabio nos cortou as vazas.

— Nada d'isso, nada d'isso. Ahi é que está o erro! Ahi mesmo é que é... E' a eterna theoria, é a inabordable theoria!

Não percebiamos.

— ... A inabordable theoria?!

— Sim, sim! A minha theoria é outra. A minha theoria é esta! — e dizendo isto, tilintava com a ponta do indicador na borda da bacia. A verdadeira theoria é a que chega á borda!

— Todavia, d'antes...

— Isso era d'antes! retrucou-nos promptamente o sabio. Agora, toda a via posterior se quer desobstruida. E' o recto. E' o que deve ser.

— Entretanto... insistimos nós, dividido o dia solar em vinte e quatro horas, a hora em cem minutos, o minuto em cem segundos...

— Pois sim, pois sim! interrompia-nos o sabio. Mas lá estamos nós a cair no mesmo erro. Isso é o dia solar para toda a gente. O que eu quero, porém, é encontrar o dia solar... das barrigas!

Não procurávamos já occultar a nossa confusão, e confessámo-lo:

— Com franqueza, dissemos, Vossa Excelencia deixa-nos confusos...

— Com fusos horarios, quer o meu amigo dizer. E' boa! E o meu amigo a dar-lhe! Ora eu já disse, e repito, que a minha idea é outra, inteiramente outra. Não estamos com fusos.

— Mas se a hora civil se contar de 0 até 24, partindo do momento em que é meia noite média no eixo do fuso considerado...

— Ainda nesse ponto, meu caro amigo, eu me reservo um direito: as minhas opiniões continuam a ser livres — até á meia noite!

Quando, pesando bem a nossa bagagem scientifica, reconhecemos que nada mais podiamos objectuar ao illustre sabio, levantámo-nos, pegámos no chapéu e preparámo-nos para sair. Mas não quizemos deixar aquelle santuario da nova sciencia sem alguma noção que podessemos offerecer aos leitores constantes da *Parodia*. E manifestámos ao Sr. Antonio Cabreira esse nosso bem justo desejo.

— Em conclusão, e ao menos, diga-nos Vossa Excelencia, muito por alto, qual o problema que neste momento se agita dentro de si?

— O que eu procuro, o que eu busco, o que eu quero encontrar, é a verdadeira hora decimal! A hora precisa, a hora exacta, a hora certa, a hora das nossas necessidades, a hora que não falha!

— E essa hora...? perguntámos num ancelo, como a Virginia na *Dór Suprema*.

— Essa hora, a hora certa, a hora que não falha, a hora decimal, em summa, é a hora em que temos de pagar a decima!



Pladas do Sol

Noticias de Londres dizem que, em resposta á declaração de Santos Dumont de que faria o trajecto Paris-Londres, se lhe dessem dez mil libras, o aeronauta inglez Spencer se offerce para fazer o trajecto Londres-Paris se lhe derem quinhentas.

Temos assim que o problema da direcção dos balões já não repousa nem na doutrina do mais leve, nem na do mais pesado que o ar, mas tão somente, na do mais barato.

E' o principio da concorrência, dando-se batalha no espaço.

* * *

Entre as muitas homenagens prestadas á memoria de Zola, pelas associações portuguezas, a que mais gratamente nos surpreendeu... o paladar, foi a da Associação dos Confeitores do Porto, que, na acta da sua ultima sessão, fez consignar um voto de sentimento pela morte do grande homem de letras.

Esta demonstração do assucar é uma homenagem á parte de idealidade que o mundo letrado justamente attribue ao genio de Emilio Zola.

E' o ponto de espadana da admiração universal.

* * *

Um sabio de Munich descobriu que já antes da conquista de Jerusalem por Tito, existiam as gréves.

Fizeram gréve os obreiros que elaboravam o pão azymo para o templo de Jerusalem.

E' o principio do sr. Conde de Valenças, já proposto no congresso de Madrid: um certo numero de instituições sociaes tem a sua raiz no mais fundo da alma humana e são coevas do primeiro homem. Assim, segundo elle, o principio da arbitragem internacional, é innato no homem, motivo porque, muito antes da constituição dos congressos, as mesmas creanças pediam á gritos, com a emulsão de Scott, o principio da arbitragem internacional.

Grande numero de fundações sociaes, antes de terem sido servidas em codigos, foram servidas ás colheres, sem prejuizo de muitas, que tem sido servidas em clysters.



A linguagem dos jornaes politicos está tomando um caracter verdadeiramente alarmante.

Assim, acabamos de ler no *Jornal*: «Embaínam se as espadas na arena dos combates politicos, mas é preciso que o governo mande para a panoplia o alfange das perseguições e das illegalidades.»

São as bexigas doidas — na imprensa.

E' a variola — no jornalismo politico.

Isto não é escrever: é ter empola.

Depressa! Um lenço, e amarremos as mãos á imprensa, se não a queremos desfigurada, assignalada, hedionda.



Telegrammas de Berlim referem que os generaes boers declararam ali não procurarem vingança, mas sim assistencia.

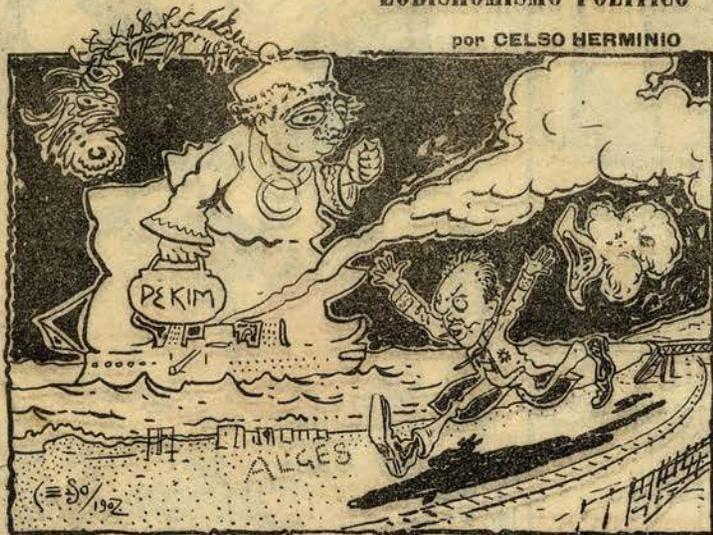
Em Portugal era coisa feita.

Aqui tinham a assistencia... nacional aos tuberculosos, unica, mas efficaz assistencia que, no nosso paiz, se propõe fazer face á miseria, á penuria, ao barateamento do trabalho, ao encarecimento e ao viciamento da alimentação, aos domicilios sem ar, ao pão sem trigo, ao imposto, á pia, ao saguão e ao abuso do carapão de gato.

E' possivel que tendo em vista conjurar tantos males, de que a tuberculose é o brilhante resumo, a Assistencia possua ainda iniciativa e fundos para soccorrer o infortunio do Transwaal.

LOBISHONISMO POLITICO

por CELSO HERMINIO



O espirito mau que todas as noites apparece para os lados d'Algés.



PEDIBUS CALCANTIBUS

Tem o progresso avançado
N'isto da locomoção,
Mas não ha presentemente
Como andar á pae Adão.

Elle ha bellas carruagens,
Automoveis, bicycletas
Mais velozes do que setas,
Fazem-se enormes vantagens,
Fazem-se enormes viagens,
Transpõe-se de lado a lado
O mundo inteiro sulcado
Das mais complicadas vias,
E' certo que em nossos dias
Tem o progresso avançado.

Mas, se a gente anda de trem,
Lá se espantam os cavallos
E, depois, isso agarral-cs,
Morre tudo e mais alguem;
Se a gente o capricho tem
De viajar em balão,
Faz-se medonha explosão,
Finda tudo por morrer,
Não ha por onde escolher
N'isto da locomoção.

O comboio tão ligeiro
Descarrilla vae não vae,
Ou então tropeça e cae
Por algum despenhadeiro,
O elevador tão roncoiro
Tem nome de mata-gente
E o electrico imprudente
Tudo na rua atropella,
Já houve em tempos cautella,
Mas não ha presentemente.

A bicycleta rebenta,
O automovel perde o trilho
E anda tudo n'um sarilho,
N'uma batalha incruente,
Só a forma pachorrenta
De andar a pé pelo chão,
Se não ha um trambulhão,
Nos livra d'esta maçada;
Por isso, enfim, não ha nada
Como andar á pae Adão

ESCALAPIO.

MENÉRES & C.^a

Porto

Fornecedores da Casa Real Portugueza, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Saude Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portugueza, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO

Deposito em Lisboa

RUA DOS CAPELLISTAS, 43 & 47

Ouivesaria e Relojoaria

com officina anexa
de fabrico e
concertos

FLORINDO

Jolas
com brilhantes
Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

A VIAGEM DO CONDE DE B...

O que foi e o que fica



Seis Mazzantinis e um Reverte.



1:200 caixas de charutos dirigíveis.



Uma caixa de pilulas Pink e dois pares de sapatos de Tennis.



Um vaporizador e quatro raquetes.



Um Soveral impermeavel e uma caixa de collarinhos de ida e volta pelo Sud. Express.
Um moço de recados para o Sr. Loubet.



6 espigandas e uma mãosinha de marfim e de coçar.



Um dicionario das seis linguas e algumas senhas do Bonus Universal.



A Carta e a appendicite adicional.
A Sociedade 1.º de Dezembro.



A Rotação. A Assistencia Nacional.



A fiscalisação do sello.



A divida e o Deficite



Os Lusiadas e o Sr. Hintze..



O que fica é pouco, não é?